

This text addresses the sociocultural contexts and the reminiscences of women in Bahian elite, from the collections of clothing available at the Museum Henriqueta Catharino in Salvador Bahia, in the late nineteenth century. Through the contribution of studies of the historian Roger Chartier, we seek conditions for reflection of the garment, as a sociocultural representation, which is present in all aspects of human experience throughout society. Making it possible to point out that on many occasions the representations of traces of Moda-century women in Bahia XIX, were reproduced and preserved as the dominant structures, but on the other hand, even referring to “women of elites,” such practices clothes were revealing in terms of individuality, of changes, redefinitions, showing them in order to being “subject” producers of their stories.

Keywords: Fashion, History, nineteenth century.

Representações de Moda na Bahia - reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba. ¹

SILVA

Márcia Maria Barreiros
LEITE

O presente texto aborda os contextos socioculturais e as reminiscências das mulheres de elite baiana, a partir das coleções de vestuário disponíveis no Museu Henriqueta Catharino em Salvador-BA, no final do século XIX. Através da contribuição dos estudos do historiador Roger Chartier, buscamos condições propícias para reflexão do vestuário como forma de representação sociocultural que está presente em todos os aspectos da experiência humana em toda sociedade. Tornando possível apontar que em muitas ocasiões as representações dos vestígios da moda feminina na Bahia do século XIX, foram reproduzidas e conservadas conforme as estruturas dominantes, mas, por outro lado, mesmo referindo-se às “mulheres de elites”, tais práticas vestimentares, foram reveladoras de expressões de individualidade, redefinições, evidenciando-as, de modo a constituírem “sujeitos” produtores de suas historicidades.

Palavras-chaves: Moda, História, Século XIX.

Introdução

O vestuário pode ser portador de significações em cada pequeno pormenor de sua composição, constituindo um sistema de códigos que os indivíduos usam como repertório distintivo, à semelhança dos demais códigos culturais, morais ou institucionais. Independente das causas e transformações sócio-históricas vividas pela sociedade em diferentes épocas, tais mudanças são sempre refletidas na maneira de vestir dos indivíduos, através das roupas e adornos são representados uma infinidade de símbolos que permite a comunicação, bem como, constitui um padrão cultural e estético.

Neste contexto Roger Chartier corrobora com importante reflexão a partir da abordagem culturalista: “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). A cultura é considerada por Chartier, como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Assim, entende-se como principal objeto de estudo “as representações” nas suas mais variadas formas, sejam elas literárias, icnográficas, materiais, etc.

Para reconstituir as práticas das mulheres baianas de elite, desempenhadas em Salvador no século XIX, foram analisados os conjuntos documentais, arquivos, acervos materiais (roupas, acessórios, periódicos, revistas, pranchas, almanaques e jornais da época, entre outros) organizados Museu Henriqueta Catharino na Bahia.

A questão da representação: as roupas/ códigos transmissores de intenções que constituem as práticas e instituições sociais.

Partindo do pressuposto que moda, indumentária e traje são práticas significantes, modos de gerar significados, que constituem as culturas de determinados grupos sociais, nos damos conta de que é preciso apreciar não apenas o sentido vestimentar isoladamente, mas também a relação que ela estabelece entre indivíduo, a sociedade e seu tempo histórico.

A partir das entrelinhas do vestuário buscamos evidenciar os costumes, comportamentos e mudanças que ocorreram nas elites femininas da Bahia. A moda é em última instância, uma forma de expressão artística, representando, como tal, o espírito de sua época. E, sendo moda uma arte, para compreendê-la em toda sua riqueza, torna-se necessário não apenas focalizarmos os seus elementos estéticos, mas, principalmente, devemos inseri-la no seu tempo e lugar, no sentido de descobrir as profundas ligações que mantém com a sociedade que a produziu.

As transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil do século XIX, e suas configurações na moda baiana

O século XIX apresenta um período de grandes transformações na história do Ocidente. A Revolução Francesa é o marco símbolo da queda definitiva do Antigo Regime e da afirmação do mundo moderno na Europa. No Brasil, as últimas décadas do século XIX (1870-1890), correspondem a um período de transição do Império para República. Época considerada de importantes processos sociais como: abolição da escravidão, Proclamação da República, projetos de modernização dos centros urbanos, etc. Salvador acelerou o seu processo de urbanização somente no século XIX e a partir de uma série de intervenções que se estenderam de modo iminente até as primeiras décadas do século XX, modificando estruturalmente a feição rural da antiga Colônia portuguesa (LEITE, 2005, p. 121).

Sendo o século XIX cheio de contradições, retratou isso naturalmente em sua maneira de vestir. Segundo a Historiadora Míriam Mendonça (2006, p. 218) “esse século em matéria de roupas, como aconteceu na arte, pode ser definido como o século de imitação de estilos”. Para a historiadora nenhum momento foi tão desprovido de características próprias de expressão e de estilo arquitetônico quanto o século XIX, e a explicação disso pode estar no fato de as cortes e a Igreja, elites que tradicionalmente promoviam a construção de monumen-

tos, pouco representarem para arte após Revolução Francesa. O desenvolvimento da moda, nesse período, pode ser tratado apenas em linhas gerais, pois os detalhes sofriam cada vez maiores e rápidas variações expressas em acessórios dos trajés, luvas e chapéus das mulheres, assim como em paletós, calças, coletes e gravatas dos homens.

Práticas de vestuário das mulheres baianas de elite no século XIX

Em relação às mulheres baianas, relatos de alguns escritores, entre eles os viajantes, não obstante, seus olhares estrangeiros deixaram transparecer inúmeras observações sobre suas vidas e como se apresentavam nos meios femininos mais abastados, bem como, ambientes rurais e urbanos. Os usos vestimentares que predominavam na Bahia, atestados em investigações feitas no Museu Henriqueta Catharino, representados pelas coleções de roupas e adornos doados pelas mulheres consideradas da elite, ou adquiridas (em leilões, bazares de caridade) por Henriqueta Martins Catharino para as coleções do Museu Traje e do Têxtil, mostraram a possibilidade de vislumbrar aspectos da cultura baiana no final do segundo Império (1890) e início do século XX.

Os registros biográficos analisados no Museu Henriqueta Catharino, nos levaram aos nomes de muitas baianas² doadoras das roupas, conforme o período de uso entre 1890 a 1920. Em análise das anotações e lembretes encontrados junto aos pertences destas doadoras, tornou-se evidente o envolvimento das mulheres baianas de elite em trabalhos assistencialistas como doações e organização de bazares beneficentes. Era uma prática tradicional naquele período, fazia parte das convicções e obrigações cristãs, ao fazer o bem ajudando os mais necessitados, suas existências seriam lembradas e associadas aos atos de bondade, conforme consta nesta transcrição feita por Henriqueta M. Catharino em Memória de Laurentina Pinto Paraíso, uma assídua cooperadora das obras assistenciais em Salvador e região:

Não são muitos os que logram conseguir que a ressonância de seus passos suscite despertar uma lembrança boa e suave, quando o ca-

lendário marca a passagem de um século da chegada ao mundo trepidante dos nossos dias. Mas a memória dos homens é fraca e esquecida. Alguma coisa de incumbe em ativá-la - a recordação da bondade, da dedicação até ao sacrifício, da prestimosidade sem interesse, da coragem em aceitação dos sofrimentos suportados com serenidade através de uma longa existência vivida num lar - o pequeno mundo da mulher (HENRIQUETA CATHARINO, 1934, in pasta de Registros Biográficos. Acervo: Museu Henriqueta Catharino).

Sobre esse aspecto, a historiadora Kátia Mattoso (1992) acentua que "os membros femininos das elites baianas foram utilizadas como instrumentos de catequese dada as suas influências na família", daí então, a participação assídua das mesmas em atividades filantrópicas conforme já foram apontadas. Consideravelmente, tais práticas em muito contribuiu para na atualidade encontrarmos tais coleções de roupas reunidas no Museu do Traje e do Têxtil, o qual fora dirigido pela assistencialista e também fundadora Henriqueta Martins Catharino.

No Brasil até o início século XIX, o estilo de vida da elite baiana era espelhado na mentalidade aristocrática portuguesa e as relações sociais definidas pelo sistema escravista. A família baiana, rigidamente patriarcal, habitava a casa-grande, dominava a senzala e mantinha a si própria e ao seu luxo através da produção de bens primários para exportação, com o absoluto predomínio das produções de açúcar e fumo (MATTOSO, 1992, p. 25).

Até as primeiras décadas do século XIX, a preocupação e esmero com os trajes de baile e passeio por parte das senhoras baianas ricas não eram especialmente observados em relação aos trajes domésticos, e a vida urbana era praticamente inexistente no Brasil. Em casa as mulheres, ricas ou pobres, descuidavam-se do rigor com a aparência impecável e da posição de cobrir cuidadosamente o corpo, permitindo-se uma languidez sensual através da transparência de finas cambraias de linho e de largos e soltos decotes em vestidos que mais pareciam camisolas, deixando o corpo à mostra. Alguns relatos de viajantes expressavam o horror dos estrangeiros para com os trajes usados em casa pelas senhoras da sociedade.

Mary Graham, viajante inglesa que esteve em Salvador em 1821, nos legou suas impressões femininas:

difícilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas era senhoras da sociedade. Como não usam nem coletes nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quando elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços no pescoço e raramente os vestidos tem manga (GRAHAM apud PRIORE, 1997, p. 57).

Segundo a Historiadora Júlia Alves Souza (2003, p. 29-30), é importante ressaltar que há uma diferença profunda nos costumes baianos entre a primeira e a segunda metade do século XIX. A partir de 1850, o contato com a Corte do Rio de Janeiro foi determinante para a mudança dos costumes na Bahia.

Esses contrastes entre padrões de comportamento da alta sociedade baiana e os padrões de civilidade e higiene europeus são significativos até meados do século, quando a imprensa, impondo-se como importante veículo na divulgação dos padrões europeus modernos, passa a diminuir significativamente as discrepâncias de comportamentos entre o centro europeu, especialmente França e Inglaterra, e as grandes cidades brasileiras.

A disseminação das modas femininas dominantes na sociedade brasileira, pelas modas inglesas e, principalmente, pelas francesas, foi em parte subproduto da influência de rapazes brasileiros que iam estudar leis, medicina e filosofia nos centros europeus. Voltavam cheios de novidades, algumas das quais comunicavam as mulheres, além deles, viajantes, mascates e alfaiates que vieram morar no Brasil, assinala Freire no seu estudo *Modos de homem e modas de mulheres* (1997, p. 31). Além disso, no período entre 1890 e 1920, era grande o número de publicações (periódicos e revistas) estrangeiras e nacionais que abordavam a moda e o comportamento e se tornavam acessíveis às famílias baianas abastardas. Assim as noções de civilidade, polidez e boas maneiras foram finalmente difundidas na sociedade baiana.

Para a Bahia, Wanderley Pinho já tinha traçado no livro clássico *Salões & Damas*, o contexto cultural da antiga e opulenta Província do Brasil, no período do Segundo Reinado. Em sua des-

crição, os costumes e a cultura dos grupos sociais dominantes se mostravam cada vez mais refinados e entrosados com o contato e as influências da vida do Velho Mundo (PINHO apud LEITE, 2005, p.162).

Para Gilberto Freire, em *Sobrados e Mucambos*, (2004, p. 304) à medida que outras instituições cresceram em torno da casa-grande, esta foi diminuindo o seu prestígio e opondo-se, em parte, à influência da igreja, do governo, dos bancos, do colégio, da fábrica, da oficina, da loja. Com a ascendência dessas instituições, a figura da mulher foi por sua vez, se libertando aos poucos da excessiva autoridade patriarcal, que demonstrava ter mais dificuldade em romper os tabus do sexo, a outros preconceitos de raça.

Mary Graham observa que, na segunda metade do século XIX, durante uma reunião social à noite, teve dificuldades em reconhecer as 'desmazeladas' que vira durante o dia, pois tais senhoras estavam 'vestidas à moda francesa': corpetes, fecho, enfeites, tudo estava bem mesmo elegante, e havia grande exibição de jóias (SOUZA apud REIS, 2000, p. 27).

Na Bahia, houve uma grande modificação cultural: "a cidade de Salvador tornou-se o centro cultural, nessa capital a elite encontrava no Teatro São João, nos bailes realizados na Associação Comercial ou no Passeio Público, nos salões, além dos festejos religiosos". (SOUZA apud REIS, 2000, p. 42). Para atender as necessidades relacionadas ao vestuário surgiram várias casas comerciais, com lojas que vendiam modernos artigos para homens, artigos femininos, perfumaria, joalherias, roupas, entre outros. Como a exemplo, o edifício Importadores de Miudezas, onde também estavam localizadas as lojas Royal Palace, Casa Souza Teixeira & Cia, fundada em 1860.

A pesquisadora de História e Moda, Míriam Mendonça (2006, p. 226) ressalta que "o ideal de moda da época exigia que a mulher fosse gentil e refinada, com um toque de anjo, inculta e excessivamente doce. Os homens do século XIX colocaram esse tipo de damas em escrínios e lá as deixaram incomedamente tolhidas e abafadas, sem outra ocupação a não ser servir de enfeite para a vida social". A moda refletiu o romântico e improdutivo papel ao qual o sexo feminino era destina-

do. As saias adquiriram amplidão, a tendência de enfatizar as dimensões da saia fazia que a mulher usasse, sob elas, até sete ou oito anáguas. As blusas procuravam a alargar as espáduas, até o exagero, em uma linha caída, sublinhada por grandes babados. As enormes mangas, desmesuradamente cheias, conjugadas às imensas saias e às cinturas de vespa, davam à mulher um aspecto de ampulheta, moldadas pelos torturantes espartilhos. Aqui é importante lembrar, que como ideal estético para usar os vestidos franceses, as senhoras e senhorinhas baianas precisaram recorrer aos espartilhos, corseletes, crinolinas e mais tarde as anquinhas. Ao mesmo tempo foram lançadas as ceroulas de algodão e renda como novidade para prevenir conta o vento que poderia levantar as saias. Alguns modelos de trajes usados por baixo das roupas aquela época:

Conforme registra Rache Kemper, em sua obra *Histria do Costume* (1979), as adolescentes eram costuradas dentro desses acessórios e se libertavam deles apenas durante uma hora por semana, para o banho, a fim de conseguir uma cintura

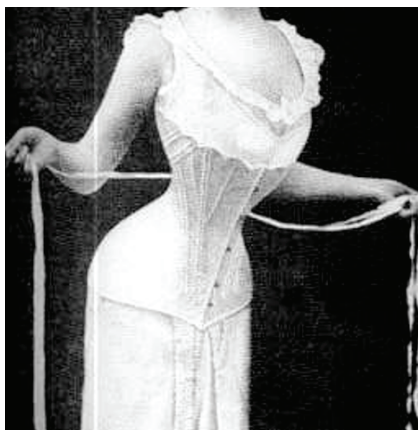


Figura 1 - Espartilho, usado durante o século XIX e início do século XX.

Fonte: www.utp.br/eletras/ea/eletras9/texto/Artigo9_4.doc.

extremamente fina. Além dos espartilhos no final do século XIX, usavam as crinolinas, anáguas de espantosas proporções, feitas de aros ligados entre si por tiras de tecido, construídas em bambu, barbatanas de baleia, ou aço, assim os movimentos eram travados, sublinhando a inevitável ociosidade.

A alta sociedade baiana, neste período, não se furtava

desses exageros e exigências para com as formas vestimentares. Segundo consta em fontes analisadas no Museu Henriqueta Catharino (jornais e revistas) a maioria dos objetos da moda e toilets eram trazidas para Bahia através de navios franceses. Para estas mulheres que usaram ou mesmo doaram,

tais roupas estabeleciam uma distinção muito pronunciada entre as senhoras que queriam se modernizar.

Nos trajes, nos usos, nas modas, nas maneiras, era notável o esforço destas famílias em seguir as doutrinas e as modas consideradas “nobres”, mesmo que fosse incômodo o uso de alguns trajes, confeccionados com tecidos pesados e quentes inadequados às condições climáticas brasileiras. Nesse sentido, Freire (1997, p. 32) aponta que, muitas vezes suas filhas não tinham o domínio da escrita, mas sabiam falar francês e se vestiam de acordo com a última tendência da Europa.

A vida social em que se figurava o elemento feminino, da elite baiana, circunscrevia-se às festas de igreja, conforme consta na figura abaixo às procissões e aos salões: “a ocorrência nos salões, no século XIX, demonstrava a vitalidade da província num tempo considerado de grande animação social” (PINHO, 1970, p. 26).

Sobre o vestuário deste período, situado entre 1850 e 1890, Gilberto Freire ainda ressalta:

Era notável a aparência da mulher no Brasil, principalmente a da região Nordeste (Bahia e Recife). Esmeravam-se nos vestidos de aparecer aos homens, na igreja e nas festas, destacando-se, tanto de outro sexo como das mulheres de outra raça, pelo excesso ou exagero de enfeite, de ornamentação, de babado, de renda, de pluma, de fita de ouro fino, de jóias de anel nos dedos (FREIRE, 1997, p. 32).



Figura 2 - Anquinha usada por baixo de vestidos e saias, no século XIX.

Este vestido de baile (Figura 3) usado na Bahia (adquirido por Henriqueta Catharino num bazar beneficente, para a coleção do Museu do Traje e do Têxtil) é exemplo do esmero das senhoras baianas na maneira de se vestirem.

Conforme constatamos nos trajes expostos nas Figuras 3 e 4, as roupas e acessórios eram os mais importantes instrumentos na arte da sedução e constituição identitária numa época em que para as mulheres, pelo menos em tese, era reservado somente o direito do silêncio. Lenços, leques, bolsas, chapéus, espartilhos, broches, xales, enfeites de cabelo, decotes, eram códigos de uma complexa linguagem, cuja importância no uni-



Figura 3 - Vestido de baile em seda furta-cor. 1880. Pertenceu a Sra. Maria da Conceição Pinho. Acervo: Museu do Traje e do Têxtil. Fotografia: Sérgio Benutti.



Figura 4 - Spencer seda azul petróleo, saia de seda, 1890. Acervo: Museu do Traje e do Têxtil.

verso feminino era incalculável.

Percorrendo as fontes materiais das mulheres de elite baiana, encontramos nas coleções do Museu Henriqueta Catharino, um sem número desses objetos. As fontes a seguir

Representações de Moda na Bahia _ Reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador _ BA.

podem melhor exemplificar:

Graças ao estudo da cultura material, privada e cotidiana, reencontramos as relações sociais e os modos de produção, que talvez ficassem despercebidos em outras abordagens. Revisitando os usos e costumes, sociabilidades, memórias parti-



Figura 5 - Ilustrações de modas no final do séc. XIX. Fonte: A Moda Ilustrada, Jornal das Famílias. N° 74 - IV ano em 15 de Janeiro de 1882. Acervo: Biblioteca Museu Henriqueta Catharino.



Figura 6 - Xale (acessório usado sobre vestidos). Acervo: Museu do Traje e do Têxtil.



Figuras 7 e 8 - Chapéus "casulo", 1890. Usados em penteados (atrás do coque). Pertenceram a Sra. Edla de Lima, doadora baiana de coleção do Museu. Acervo: Museu do Traje e do Têxtil.



Figura 9 - Bota de cetim, séc. XIX
Acervo: Museu do Traje e do Têxtil.



Figura 10 - Sapato de Cetim de procedência portuguesa, séc. XIX.
Pertenceu a Sr. Dinária Bandeira Viana.
Fonte: Museu do Traje e do Têxtil.

culares, das mulheres de elite na Bahia do final do século XIX tentamos resgatar quais eram as intenções dos homens ou mulheres que construíram essas significações através das quais expressavam a si próprios e o mundo. O vestuário além de ter sido um instrumento de expressão individual foi revelador de anseios, e possivelmente de atitudes de mudanças, conforme o desenvolvimento das épocas posteriores. Assim a moda apresenta-se como um valioso recurso para pesquisa histórica, constituindo-se, como já observou Ronaldo Fraga, no prefácio do livro “Moda Contemporânea” de Cristiane Mesquita (2004), *o documento mais eficiente do nosso tempo.*

Notas

1-Este texto é parte da minha pesquisa de Mestrado concluído em junho de 2009, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), cujo título: O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia (1890-1920): a partir da coleção do Museu Henriqueta Catharino em Salvador- BA.

2- Nomes de algumas baianas doadoras de coleções que foram encontradas em notas e certidões dos arquivos do Museu Henriqueta Catharino e analisados nesta pesquisa: Laurentina Pinto Paraíso, Adelaide Lima Carneiro de Albuquerque, Josefina Alves de Vasconcelos, Vicência Ferreira do Amaral Pedrosa, Sofia Costa Pinto, Alice Kelsch Aguiar, Antônia Teresa de Sá (Baronesa de Cotegipe), Virgínia Alcina Paranhos, Mariana da Costa Pinto, Umbelina Meireles da Silva, Tereza de Carvalho Melo Pinho, Mariana Cerqueira de Magalhães.

Representações de Moda na Bahia _ Reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador _ BA.

Referências

Jornais e revistas

A moda Ilustrada, Jornal das famílias, Anno IV, Nº 74, 78. Agência/Em-preza literária fluminense. Distribuição: Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Bahia, 1882.

Almanach Eu Sei Tudo. Anno VII, Nº 91, Editora Americana: Rio de Janeiro, 1924.

Revista Ilustrada da Bahia, Anno I, Nº 1, dezembro 1917.

Suplemento de Moda Ls Grandes Modes Paris, Nº 266, 267, 292, 1915.

Referências impressas

ALMEIDA, José Adilson e WAJNMAN, Solange (orgs). *Moda, Comunicação e Cultura: um olhar acadêmico*. São Paulo: Arte & Ciência – Unirp, 2002.

ALVES, Marieta. Henriqueta Martins Catharino: sua vida e obra. In: *Catálogo do Museu do Traje e do Têxtil*. Salvador: Fundação Instituto Feminino da Bahia, 2003.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.

BARNARD, Malcom. *Moda e comunicação*. Tradução: Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CASTILHO, Kátia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. In: *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 7, nº 13, 1994, p.97-113.

_____. O mundo Como Representação. In: *Revista Estudos Avançados*. Vol.5, nº11. São Paulo. Jan/abr. 1991.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2006.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge In: ECO, Umberto (Org.). *Psicologia do vestir*. 3ªed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

- FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Tradução: Alexandre Tort; Revisão Técnica: Gilda Chataignier. - Rio de Janeiro, 1996.
- KOHLER, Carl. *Histria do vesturio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escrita femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.
- LIPOVETSY, Gilles. *Imprio do efmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LURIE, Alisson. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997.
- MALERONKA, Wanda. *Fazer roupa vorou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, sculo XIX: uma Província do Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MEDEIROS, Jorge de. *A mulher em face da Guerra*. Cultura Política, ano IV, nº 36, Rio de Janeiro, janeiro de 1944, pp.145-147.
- MENDONÇA, Miriam da costa Manso Moreira. *O reflexo no espelho: o vestuário e a moda como linguagem artística e simbólica*. Goiânia: Editora UFG, 2006.
- MESQUITA, Cristiane. *Moda contempornea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- MUSEU DO TRAJE E DO TÊXTIL. MAJELLA, D. Geraldo; AGNELO, Cardeal; PEIXOTO, Ana Lúcia Uchoa; ALVES, Marieta; SOUZA, Maria Julia Alves. *Catalgo em exposio*. Salvador Bahia: Fundação Instituto feminino da Bahia, 2003.
- PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina". In: *Revista brasileira de histria*. Vol. 09, número 18. São Paulo, 1989.
- _____. "Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência". In: *Cadernos Pagu: fazendo História das Mulheres*. Campinas (4), 1995, p. 9-28.
- _____. *As Mulheres ou os Silncios da Histria*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- _____. *Minha Histria das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Histria & Histria Cultural*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. Uma cidade no espelho. (1890-1910) In: *O Imaginrio da Cidade*.

Representações de Moda na Bahia _ Reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador _ BA.

Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PINHO, Wanderly. *Sales e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

PRIORE, Mary Del. *Histria das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto; Fundação Unesp, 1997.

ROCHE, Daniel. *A cultura das Aparncias: uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII)*. Tradução Assef Kfoury. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no séc. XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SOUZA, Maria Júlia Alves de. Forma, textura e estilo da sociabilidade e intimidade femininas. Bahia- Séc. XIX-XX. In *Catlogo Museu do Traje e do Txtil*. Salvador: Fundação Instituto Feminino da Bahia, 2003.

WILLIAMS, Raymonds. *Culture*. Glasgnow: Fontana/ Collins, 1981.

_____. *Keywords*. Glasgnow: Fontana, 1976.

WILSON, Elisabeth. *Enfeitada de sonhos*. Tradução: Maria João Freire. São Paulo: Edições 70, 1985.

Ana Cristiane da Silva

Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba (2009), Especialista em Comunicação pela Universidade Estadual de Santa Cruz - BA (2000), Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - BA (2006). Pesquisadora na área de Moda, Gênero e Identidade. Professora do curso Moda, Produção e Varejo - Extensão Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.

E-mail: anacristiane2006@hotmail.com

Orientadora: Márcia Maria Barreiros Leite

Doutora em História Social pela PUC-SP (2004). Professora dos cursos de graduação, especialização e mestrado de História das Universidades Estadual de Feira de Santana e Católica em Salvador-Ba. Pesquisadora da história das mulheres e das relações entre os gêneros e da cultura baiana.

E-mail: marciambarreiros@uol.com.br